ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

PENSANDO A ESCRITA DE SI COMO FONTE DE CONHECIMENTO HISTÓRICO

THOUGHT WRITING AS A SOURCE OF HISTORICAL KNOWLEDGE

PENSÓ QUE LA ESCRITURA MISMA COMO FUENTE DE CONOCIMIENTO HISTÓRICO

Simone Pereira da Silva[1, 2]

RESUMO
Este trabalho tem por objetivo fazer uma breve discussão acerca da escrita de si de caráter biográfico e genealógico, utilizando-se como base a genealogia de Yony Sampaio sobre a família Sá Barreto, considerada uma das mais importantes econômica e politicamente da cidade de Barbalha, localizada no Cariri sul cearense. A obra evidencia a importância de tal arquivo no controle da posteridade e do poderio familiar, mas igualmente da manutenção de privilégios. Nesse sentido, a incessante preocupação em arquivar vestígios da própria história, resulta das pressões e demandas a que todos estamos submetidos. Portanto, a discussão teórica sobre o arquivo de si, torna-se de grande utilidade para ajudar-nos a compreender os usos que determinados indivíduos fazem do seu passado.

PALAVRAS-CHAVE: Genealogia, usos do passado, arquivamento de si.

[1] Professora do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (URCA), Doutoranda em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e mestrado em História pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em História pela Universidade Regional do Cariri (URCA)Email: symonepsilva@hotmail.com.

[2] Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Regional do Cariri (URCA). Departamento de História. Av. Teodorico Teles, 645 - São Miguel, CEP: 63100-160, Crato, CE, Brasil.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

ABSTRACT

This paper aims to make a brief discussion about the writing itself of biographical and genealogical character, using as a basis the genealogy of Yony Sampaio on family Sá Barreto, considered one of the most economically important and politically the city of Barbalha , located in the south Ceará Cariri. The work highlights the importance of such a file in control of posterity and family power, but also the maintenance of privileges. In this sense, the constant concern to archive traces of history itself, results from the pressures and demands that we are all subjected. Therefore, the theoretical discussion about the file itself, it is very useful to help us understand the uses that certain individuals make of their past.

KEYWORDS: Genealogy, past uses, filing itself.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo hacer una breve discusión sobre la propia escritura de caracteres biográfica y genealógica, utilizando como base la genealogía de Yony Sampaio en la familia Sá Barreto, considerado uno de los más importantes económicamente y políticamente la ciudad de Barbalha, que se encuentra en Ceará Cariri sur. El trabajo pone de relieve la importancia de un archivo de este tipo en el control de la posteridad y el poder de la familia, sino también el mantenimiento de privilegios. En este sentido, la preocupación constante para los rastros de archivos de la historia se desprende de las presiones y exigencias a las que están sometidos. Por lo tanto, la discusión teórica sobre el propio archivo, es muy útil para ayudar a comprender los usos que hacen que ciertas personas de su pasado.

PALABRAS CLAVE: Genealogía, pasado utiliza, la presentación de sí mismo.

Recebido em: 22.01.2017. Aceito em: 26.03.2017. Publicado em: 01.04.2017.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

Introdução

Ao longo do trabalho em foco pretende-se desenvolver, entre outras coisas, uma reflexão sobre a escrita de si enquanto fonte de conhecimento histórico. Para tanto, se fará oportuno tomar como ponto de partida as propostas desenvolvidas pelos historiadores Philippe Artières, no texto "Arquivar a própria vida" (1998) e Silvia Hunold, com "Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico" (2008). Ambos os autores trazem discussões pertinentes sobre a importância da construção dos arquivos, e os cuidados que se deve ter ao trabalhar com acervos e registros dessa natureza.

Nesse sentido será feita uma breve discussão acerca da escrita de si de caráter biográfico e genealógico, utilizando-se como base as publicações relacionadas à família Sá Barreto, considerada uma das mais importantes econômica e politicamente da cidade de Barbalha, localizada no Cariri sul cearense.

A genealogia de autoria do doutor em Economia Agrícola Yony Sampaio[3], iluminará as observações aqui propostas. Nesta obra de 713 páginas constam informações valiosas que propiciarão a apreensão da relevância e a utilidade que a referida família dá a tais registros, bem como as ligações estabelecidas entre ela e outras no transcorrer dos anos. Segundo Sampaio, as famílias "[...] cientes da sua origem "nobre" freqüentemente enclausuravam-se

[3] Graduado em Engenharia Agronômica pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (1969); mestre em Economia pela University of California System (1973), e em Economia Agrícola pela University of California System (1972); doutor em Economia Agrícola pela University of California System (1973); pós-doutor pela University of Oxford (1976), Universidade de Grenoble (2009) e pela University of Illinois – System (1996). Atualmente é professor titular da Universidade Federal de Pernambuco, Consultor do Banco Mundial e Assessor de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. (Disponível em http://www.escavador.com/sobre/9691374/yony-de-sa-barreto-sampaio. Acesso em 16 jun. 2016).

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

em fantástica endogâmia [...]" a fim de garantir a preservação dos bens, "[...] controlar a descendência [...]" e a chefia política (1998, p.8).

O arquivo de si, nesse aspecto, torna-se de grande utilidade não só no controle da posteridade e do poderio familiar, mas igualmente da manutenção de privilégios. Estas e outras questões associadas ao valor do arquivo de si, serão abordadas com mais acuidade durante a tentativa de tratar de um assunto que envolve certo grau de complexidade.

Pensando o arquivo de si

No texto "Arquivar a própria vida" o historiador francês Philippe Artières sugere que imaginemos um lugar no qual tivessem todos os arquivos de nossa existência. Nele encontraríamos, certamente, os mais variados vestígios dos momentos vividos. Por outro lado, alguns objetos não integrariam o acervo devido às seleções feitas no decorrer do tempo, no tocante àquilo que consideramos imprescindível e passível de ser guardado.

Para Artiéres, entretanto, esta modalidade de "triagem" apresenta uma série de problemas, pois se dá mediante o uso de classificações efêmeras, guiadas por intenções potencialmente ambivalentes que visam construir "[...] uma imagem, para nós e às vezes para os outros [...]" daquilo que se deseja preservar. (1998, p.10)

Ainda nesta direção Artières lembra que é fundamental refletir a respeito da forma como determinado documento foi organizado. Os usos de um dado conjunto de informações em detrimento de outro, os detalhes, as omissões e manipulações são de substancial valia para compreender quem somos ou mesmo quem são os personagens por nós estudados (Ibid., p.10). Noutras palavras, quando se escreve um diário ou texto autobiográfico fazem-

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

se seleções do que convém registrar, de que maneira narrar, em que ordem e com que finalidade.

Em Barbalha, no Cariri sul cearense, é possível encontrar livros e textos com o propósito de lembrar os feitos e valorizar a ancestralidade de algumas famílias, entre estas a Sá Barreto. Ali se pode deparar com vários registros de caráter genealógico, produzidos com a finalidade de evidenciar ou até exaltar a participação da família na formação e desenvolvimento da cidade, garantindo a preservação da memória, da riqueza e do poder político. No livro "Santo Antonio de Barbalha, sua terra, sua gente", Sampaio afirma na introdução:

> Do conhecimento das famílias e sua interrelação surge a formação e a estrutura social. As relações estabelecidas esclarecem o modo de ser de um povo. Os ramos mais abastados procuram forma de multiplicar ou pelo menos preservar a riqueza. Quando aliada a riqueza ao mando político veem-se os casamentos entre clãs, unindo chefias políticas de municípios às vezes distantes. O que não era estranho na Europa entre casas reais, principados e estratos ainda mais baixos, ainda permanece atual com casamento entre os abastados, os altos comerciantes, os usineiros. Porém, dada a freqüência dos filhos naturais, os arranjos eram mais formais e antecipados, como forma de controlar a descendência. (1998, p.8)

É interessante observar que o autor prima pela descrição dos "clãs" e o seu formato de organização, cujo objetivo centrava-se na conservação do poder naquele momento, e ulteriormente. Um dos mecanismos encontrados mais ao alcance foi o de anotar informações e dados familiares. Atente-se para o que é relatado:

> O meu avô tinha notas familiares. Procurava esclarecer algumas relações. Registrava sistematicamente datas de falecimento e nascimento de parentes mais próximos. Mas nunca chegou a preocupar-se com documentos nem a registrar o muito que sabia e guardava com memória assombrosa. Possuía, no entanto, e em algum momento me passou, o caderno genealógico preparado por seu tio Zuca, este sim, um pesquisador de largo alcance,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

> embora de metodologia rudimentar. Segundo relato de ajudantes, inclusive filhos, visitava parentes mais velhos com o intuito de obter esclarecimentos sobre os ascendentes, registrando minuciosamente ascendentes e descendentes até sua geração. Nascido em 1861, não sei quando começou a interessar-se por genealogia e a entrevistar os mais idosos. [...] E possível ter entrevistado pessoas nascidas no início do século XIX e até no final do século XVIII. Como não deixou rascunhos nem notas sobre as fontes é impossível saber. O fato é que descreveu com relativa precisão o tronco da família Sá Barreto, fornecendo detalhes de fatos dos meados do século XVIII que só a tradição oral poderia perpetuar (a menos de alguma preciosa mas nunca aparecida caderneta de família). (SAMPAIO, 1998, p.7)

A preocupação com a genealogia é uma constante na família Sá Barreto. Isso se pode constatar apenas atentando para o que considerava digno de ser arquivado, a maneira como o fazia, a ausência de consulta em documentos por parte dos mais antigos, a credibilidade das fontes orais tão criteriosamente impressas, e a ausência de notas explicativas sobre as suas fontes de informações. Claro que se deve ter em mente quem era o avô de Sampaio e o tio daquele - Zuca Sampaio -, um e outro fundamentais na contribuição dos primeiros registros.

O avô de Sampaio chamava-se Antônio de Sá Barreto Sampaio Júnior também conhecido como Dr. Júnior, atuou como médico em Recife e se tornou dono do Sítio e Engenho Tupinambá[4] na primeira metade do século XX. Ele era parente do Padre Antonio Gomes de Araújo que havia sido professor de História da Faculdade de Filosofia do Crato (futura URCA), um dos fundadores do ICC - Instituto Cultural do Cariri, colaborador em jornais e

[4] Um dos maiores produtores de rapadura do Cariri cearense. Sobre o engenho, consultar: SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó. **Os Homens que Faziam o Tupinambá Moer**: experiência e trabalho em engenho de rapadura no Cariri (1945 - 1980). Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2007.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

revistas produzidas no Crato e autor de uma dezena de obras[5] publicadas acerca da formação sócio-histórica da região. Já o tio Zuca Sampaio[6], também conhecido por José de Sá Barreto Sampaio (1861-1940), descendente do Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá, [7] era um homem muito religioso, atuando por algum tempo como Capitão da Guarda Nacional. Em sociedade com os irmãos[8] reabrem a Casa Sampaio, também denominada Sampaio & Irmãos, o maior empreendimento comercial existente entre 1906 e 1914 (SÁ, 2007, p. 61).

Zuca Sampaio, por sua vez, era parente de José Pereira Pinto Callou[9], renomado e influente líder político responsável pela administração do Engenho

[5] São elas: "Naturalidade de Bárbara de Alencar" (1953); "Um civilizador do Cariri e outros estudos"; "Padre Pedro Ribeiro da Silva, fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte" (1955); "Apostolado do Embuste" (1956); "Martins Filho, o Magnífico Reitor da Universidade do Ceará – ascendentes e colaterais" (1961); "1817 no Cariri" (1962); "Aldeamento da Missão do Miranda e Revelações de sua Arqueologia"; Alvorada Glória (1967); "A Cidade de Frei Carlos" (1971) e "Povoamento do Cariri" (1973). (Disponível em http://blogdosanharol.blogspot.com.br/2010/06/professores-de-historia-homenagearam.html. Acesso em 20 out. 2016).

[6] Sobre Zuca, consultar: SOBREIRA, Pe. Azarias. José de Sá Barreto Sampaio – Sertanejo de escol. Prológo. **Revista do Instituto do Ceará**, 1949.

[7] Era "grande proprietário do século XVIII, que ficou conhecido por doar terra e capela à *Santo Antonio*, dando origem à povoação de Barbalha" (SÁ, 2007, p.49). Sobre Capitão Francisco Magalhães, consultar (SAMPAIO, 1998) e (PINHEIRO, 1963)

[8] Yoni Sampaio apresenta informações confusas acerca dos irmãos sócios de Zuca. Em uma passagem diz que "Zuca, iniciou o comércio com Antônio" e Dão (SAMPAIO, 1998, p.216). Em outro, conta que o comércio fora fundado "por Antônio Manoel Sampaio, de 1840 e 1870, a consolidação e expansão efetiva por seu filho Antônio Manoel Sampaio, Tn 6.5.4, de 1870 a 1890, e o apogeu com a entrada de seu sobrinho e genro Antônio de Sá Barreto Sampaio e depois sob a mão exclusiva desde, de 1890 a 1914. Em 1914 a Barbalha é invadida por jagunços do Juazeiro e a Casa saqueada. Posteriormente foi reaberta pelos seus sobrinhos Sebastião Manoel de Sampaio, Dão e José de Sá Barreto Sampaio, Zuca" (SAMPAIO, 1998, p.106).

[9] Também era pai do médico, professor, político e empresário Antônio Lyrio Callou (CALLOU, 2002). Maiores informações, consultar: TORRES, Alberto Callou. **José Pereira Pinto Callou**: Zé Major – meu avô. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2007. No qual o neto que fora juiz de Direito da Justiça do Estado do Ceará, reconstrói suas lembranças a fim de mostrar que seu avô reunia "em sua ímpar personalidade todas as virtudes da nossa terra da nossa gente, podendo

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

Tupinambá, apelidado de Zé Major; pai de Antônio Costa Sampaio (prefeito de Barbalha nos anos de 1967 á 1971) e avô de Fabriano Livônio Sampaio[10] - engenheiro civil, "oficial do Exército reformado, tendo se formado na Escola Preparatória de Cadetes, em Fortaleza e na Academia de Agulhas Negras, no Rio de Janeiro" (SOUZA, 2000, p.56), e prefeito de Barbalha entre os anos de 1973 e 1977.

Vale ressaltar que Fabriano Sampaio foi um dos responsáveis por instituir o desfile dos grupos de cultura "popular" no dia da Festa do pau da bandeira de Santo Antônio em Barbalha (SILVA, 2011), evento religioso e cultural ocorrido anualmente naquele lugar, que ganhou repercussão nacional e que nos anos de 2013 e 2015, recebeu respectivamente os títulos: *Capital dos Festejos de Santo Antônio* pelo Estado do Ceará e Patrimônio Imaterial do Brasil pelo IPHAN. Verifica-se, portanto, que se trata de uma família com considerável poder político e econômico, consolidado por várias gerações que zelam pela imagem e permanência do status "nobre" que julgam lhe caber. Para eles,

> A política também surge neste emaranhado genealógico. As lideranças aquilatadas pela apoio básico familiar, pela importância das relações estabelecidas com outras famílias. Teria sido diferente na Europa medieval? Liderança e estabelecida pela riqueza, pela unidade familiar, pela força. Os partidos raramente primaram pela coerência ideológica sendo capturados pelos lideres e a eles se identificando: o partido do coronel João Coelho. Querendo ou não os lideres tinham de exercer a política, com maior ou menor equilíbrio, com a distribuição de cargos, que eram poucos e geralmente não remunerados, o que tornava a estrutura menos corrompida que hoje, com a organização dos batalhões da guarda nacional. (SAMPAIO, 1998, p.8)

---

ser apontado como modelo de senhor de engenho do seu tempo e de todos os tempos" (TORRES, 2007, p.23).

[10] Filho de Antônio Costa Sampaio já mencionado.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

A política surge nesse ínterim como um prolongamento da união entre as famílias as quais lideravam a localidade. O exercício da função mais parecia um dever do que uma escolha, pois como enfatiza o autor, "querendo ou não os lideres tinha que assumir com suas obrigações" que era comandar o povo. Para tanto, a prática de distribuição de cargo entre familiares e amigos era prática comum, apresentando-se para Sampaio como "uma estrutura menos corrompida" do que as de hoje, pois geralmente não eram remuneradas. Neste ponto, o autor mostra indícios que atestam a idoneidade, o preparo e honestidade da família. Qualidades essenciais e que são esperadas especialmente em uma liderança política.

Neste aspecto, o arquivamento de si reforça laços, trajetórias pessoais, materializa a história e cria identidades, seja para um individuo, grupo ou família, ou pode ainda ser concebido como forma de resistência a algo, ou alguém. Ângela de Castro Gomes (2004, p.14) o enquadra numa espécie de "categoria de sinceridade", ao inferir que este tipo de arquivo reconstitui, numa dada medida, as memórias do autor.

Para Artières, arquivar a própria vida "[...] é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio [...]" e neste sentido, o arquivamento do eu equivale à "prática da construção de si mesmo e de resistência" contra as intempéries provocadas pela ação do tempo (1998, p.11). O que o historiador francês aponta se evidencia nas explicações conferidas por Alberto Callou no seu livro intitulado "José Pereira Pinto Callou: Zé Major – meu avô Zé Major".

> Antes, ponham as lentes da generosidade e vejam o esforço de quem, dentre tantos mais capazes, teve a coragem de pôr no papel fatos, ocorrências e passagens da vida de algum membro da nossa família, mais especificamente de vovô – Zé Major, perpetuando uma memória que se vai perdendo pelo tempo e se apagaria em breve, se essa decisão não houvesse sido tomada. (TORRES, 2007, p.11)

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

A preocupação em evitar o esquecimento do avô é uma constante no livro de Alberto Callou. Trata-se de uma tentativa consciente de reforçar sentimentos de pertencimento a uma família próspera economicamente e politicamente. Mas também a tentativa de registrar a vida de um homem de grande valor para seus familiares. Nesse sentido, a "referência ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõe uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irredutíveis" (POLLAK, 1989, p.9).

Para ampliar o raio de compreensão das questões acerca do arquivamento da própria vida, é elementar ater-se ao que Artières propõe sintetizado na exploração de três aspectos: "[...] a injunção social, a prática de arquivamento e a intenção biográfica [...]", com ênfase na "[...] função e o valor social dos arquivos [...]", "[...] as maneiras de arquivar a vida [...]" e o "[...] percurso da prática [...]" (1998, p.11).

Valendo-se de suas hipóteses Artières desvela que a prática do arquivamento de si começou a se desenvolver no século XVIII, com a exigência da manutenção de documentos pessoais. Posteriormente, a medicina e o comércio autográfico passaram a valorizá-los imprimindo-lhes notoriedade. Daí o fato de personalidades respeitáveis se interessarem em doá-los às bibliotecas nacionais.

De certa forma, a incessante preocupação em arquivar vestígios da nossa história é resultado da pressão a que todos estamos submetidos, na intenção de dispô-los quando forem solicitados. Eles servem como chave para a inclusão ou exclusão no sistema social. Isso é visível quando se procura um emprego, o *curriculum vitae* nada mais é do que um "[...] inventário dos nossos

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

arquivos domésticos [...]", uma variedade de "[...] autobiografia resumida [...]", tal como aponta Artières (Ibid., p. 13).

Além disso, os arquivos pessoais acumulam uma função pedagógica, pois podem ajudar a entender e delimitar o presente, nos preparando para lidar com os desafios do futuro. Mas de que tipo de arquivo convém fazer uso? Que usos serão feitos e em função de quê, ou de quem? As fotos de família viabilizam a construção de uma narrativa dos acontecimentos de forma transparente, e detalhada. Sobretudo, se portarem legendas explicativas. Em vista disso é válido afirmar que a imagem pode ser lida como um texto produzido pela lente do fotógrafo, organizado dentro de uma perspectiva cronológica ou na ordem de importância definida pelo proprietário dos registros.

Os diários são igualmente exemplos de arquivo pessoal. Eles permitem a autoanálise do comportamento de quem os escreve, com a finalidade de se evitar cometer os mesmos erros. No tocante à pesquisa, auxilia àquele que se debruça sobre esta categoria de fonte, a captar a maneira como o escritor se percebe e lida com os acontecimentos vivenciados. Segundo Artières, os diários foram vitais nos estudos do "[...] mundo dos gângsteres, dos ladrões e das prostitutas [...]" levados a cabo, principalmente, pelo Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago, na primeira metade do século XX (1998, p. 16).

Os sociólogos induziam as pessoas através de procedimentos e intervenções, a descobrirem as causas de seus comportamentos mediante "confissões científicas", estas utilizadas amplamente no decurso daquele século com finalidades das mais diversas (ARTIÈRES, 1998, p.17). Portanto, se a escrita para si transcorre de maneira espontânea e despreocupada, não há similaridade

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

nenhuma quando as memórias são produzidas para que outro(s) tenha(m) acesso. Certas passagens da vida permanecem ocultadas, outras valorizadas. Os recursos narrativos se apresentam sob uma configuração diferente daquela própria da escrita despretensiosa, assim como a demanda que impulsionou o indivíduo a dissertar a respeito de si mesmo.

No caso das obras publicadas, convém ficar atento às mudanças nas reedições. A reescrita também traz informações sobre o autor e o contexto no qual fora produzida, ou pode ser uma forma de oposição e resistência a algo que nem sempre está tão simplesmente evidenciado. O arquivo de si é, por assim dizer, uma maneira de testemunhar as experiências, de expor sua subjetivação, sua identidade e até resistência. Ele pode ser tomado como fonte ou como elemento integrante de certo grupo de documentos. O tipo de relação que os pesquisadores podem manter neste tocante, é o que irá defini-lo no momento adequado.

Mais também é preciso perceber se "o texto é uma "representação" de seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar" ou se "o autor é uma 'invenção' do próprio texto, sendo sua sinceridade/ subjetividade um produto da narrativa que elabora" (GOMES, 2004, p.16). Além disso, Ângela de Castro Gomes chama atenção para esse tipo de fonte, pois pode levar o historiador a um falso entendimento de que seu conteúdo é coerente, verdadeiro e contínuo. Cria-se muitas vezes um efeito que obscurece as falhas, distorções e incompletudes das informações.

> O risco para o pesquisador que se deixa levar por esse feitiço das fontes pode ser trágico, na medida em que seu resultado é o inverso do que é próprio dessas fontes: a verdade como sinceridade o faria acreditar no que diz a fonte como se ela fosse uma expressa do que "verdadeiramente aconteceu", como se fosse a verdade dos fatos, o que evidentemente não existe em nenhum tipo de documento. (GOMES, 2004, p.15)

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

Neste contexto, vale indagar qual é a diferença entre fonte e documento. Para Silvia Hunold Lara, documento é tudo aquilo que é produzido pelos indivíduos. Tais registros "[...] constituem o universo no qual os historiadores escolhem suas fontes de informação sobre o passado [...]" (2008, p.18).

Já as fontes propriamente ditas referem-se aos textos ou registros selecionados pelos historiadores, problematizados com base em uma série de questionamentos a fim de se obter informações. Para responder às dúvidas que se impõem o historiador precisa adotar procedimentos de coleta e análise das fontes. Numa primeira instância tem-se de fazer um levantamento dos textos produzidos na época estudada, para depois examiná-los. Lara, tanto quanto Artières lembra que se faz necessário estar vigilante para saber quem escreveu o documento, em que contexto e condições se deram a sua produção, a maneira de discorrer e reproduzir a fonte, e os modos que foram assimilados e interpretados. Ao analisar o documento, algumas questões devem ser ponderadas: O que foi escrito? Como foi escrito? O que motivou aquela produção? Como se processou a sua circulação? Mediante quem? Há manuscritos? Como foi lido e divulgado? (LARA, 2008, p 22)

Estas e outras interrogações são indispensáveis para pensar o trabalho genealógico de Sampaio. O autor empreende um mapeamento precioso da família Sá Barreto existente em Barbalha desde o século XVIII, apontando dados sobre as disputas por herança e as "[...] peculiaridades fundiárias de Barbalha [...]" (SÁ, 2007, p.215), não prescindindo de situações delicadas como adultérios, invasões de propriedade, e até crimes.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

A obra é uma publicação primorosa da editora universitária da Universidade Federal de Pernambuco, da qual Sampaio é professor. As poucas edições foram destinadas à família e amigos do autor, não sendo autorizada a sua venda. A par dessas informações e mediante o seu cruzamento, é possível "[...] contextualizar e compreender o esforço para assinalar a existência [...]" do registro. (LARA, 2008, p.30-31)

Lara alerta, ainda, que é preciso ter cuidado para não acreditar cegamente nos textos, pois eles "[...] contêm exageros, mentiras e invenções em função [...]" das diferentes motivações de seus autores (2008, p.20). Tudo isso pode comprometer drasticamente o trabalho de análise do historiador, à medida que o direciona para interpretações equivocadas sobre o evento estudado. Logo, se faz prudente identificar que documentos "[...] foram utilizados pelos historiadores [...]" que trabalharam certa temática, "[...] e como eles os interrogaram - é parte importante da crítica historiográfica que, no entanto, nem sempre é realizada [...]." (LARA, 2008, p. 23.)

É imperativo que o historiador suscite questionamentos "[...] sobre o processo de construção de um corpus documental empreendido [...]" pelos institutos ou outros espaços de pesquisa (Ibid., p. 26). Em alguns casos, como as publicações mais antigas, é comum encontrar citação de documento sem menção nenhuma ao original consultado, o que, muitas vezes, conduz à apropriação da cópia fidedigna do manuscrito sem o ser.

Enfim, Lara insiste para que se busque reconhecer quem é a figura central do documento; qual a relação de quem o produziu com o que é focado; os termos dos quais se valeu aquele que o escreveu (evidencia a percepção do autor); a intencionalidade; o público a que se destina e o objetivo (para que foi construído?) (2008, p. 21)

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

Respondendo a todas estas problemáticas o texto pode ser considerado como fonte histórica, possibilitando compreender à luz de múltiplos ângulos, o que estava em jogo no período do acontecimento estudado.

Considerações finais

Os usos e as preocupações com o arquivamento de si se deram mediante as novas demandas sociais. Grupos, famílias e indivíduos passaram a registrar, guardar e utilizar diários, biografias, autobiografias, genealogias, cartas, fotos, cartões-postais, objetos do cotidiano e documentos variados como um suporte na construção da história de si.

Para este trabalho, procurou-se desenvolver uma reflexão acerca da escrita de si de caráter biográfico e genealógico, utilizando-se como base as publicações relacionadas à família Sá Barreto, considerada uma das mais importantes econômica e politicamente da cidade de Barbalha, localizada no Cariri sul cearense. Dentre os livros e textos que tem o propósito de lembrar os feitos e valorizar a ancestralidade de algumas famílias barbalhenses, destacou-se a genealogia publicada em 1998 pela editora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intitulada "Santo Antonio de Barbalha, sua terra, sua gente: livro 3, a família Sá Barreto" do doutor em Economia Agrícola Yony Sampaio.

Na obra de Sampaio, foi possível constam informações valiosas que propiciam a apreensão da relevância e os usos que a referida família dá a tais registros, bem como as ligações estabelecidas entre ela e outras no transcorrer dos anos. Ali é possível perceber que várias informações são produzidas com a finalidade de evidenciar ou até exaltar a participação da família na formação e desenvolvimento da cidade, garantindo a preservação da memória, da riqueza e do poder político. O que não compromete a riqueza do trabalho por ele

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

desenvolvido, pois possibilita-nos entender os usos que determinados indivíduos e grupos fazem do seu passado.

A genealogia de Yony Sampaio evidencia a importância de tal arquivo no controle da posteridade e do poderio familiar, mas igualmente da manutenção de privilégios. Ela serve como chave para a inclusão ou exclusão no sistema social. E também, possibilita a perceber os riscos que o historiador pode se deparar ao lidar com este tipo de arquivo.

Portanto, perceber as motivações que levaram o autor do arquivo de si a produzir uma obra, a escolher determinada forma de escrita, a prioriza determinado conjunto de informações em detrimento de outro, a se deter em certos detalhes, a incorrer em omissões, manipulações, e de como se deu a circulação e apropriação da obra, são de substancial valia para compreender quem somos ou mesmo quem são os personagens por nós estudados.

Referências

ARAÚJO, (Pe.) Antônio Gomes de. **O povoamento do Carir**i. Crato (CE): Faculdade L. de Filosofia do Crato, 1973. (Estudos e Pesquisas, VI).

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. **Estudos Históricos**, n. 21, 1998, pp. 9-21.

CALLOU, Antônio Marchet. Conotações históricas de Barbalha. **Itaytera**. Crato (CE): Instituto Cultura do Cariri, n. 21, 1977. p. 79-91.

CALLOU, Lyrio. **Barbalha:** Minha vida. Recife, edições bagaço, 2002.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**, Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004.
LARA, Silvia Hunold. **Os documentos textuais e as fontes do conhecimento histórico**. **Anos 90**, v. 15, n. 28, 2008, pp. 17-39.

NEVES, Napoleão Tavares. **Barbalha cultural**. Barbalha, 2000.

PINHEIRO, Irineu. **Efemérides do Cariri**. Fortaleza: S. ed.,1963.

_____. **O Cariri**: seu descobrimento, povoamento, costumes. Fortaleza: S. ed., 1950.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

SÁ, Maria Yacê Carleial Feijó. **Os Homens que faziam o Tupinambá moer**: **experiência e trabalho em engenho de rapadura no Cariri (1945 - 1980)**. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: 2007.

SAMPAIO, Yony. **Santo Antonio de Barbalha, sua terra, sua gen**te: livro 3, a família Sá Barreto. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1998.

SILVA, Simone Pereira da. **Os Sentidos da (Re)Invenção:** representações e (re)significações simbólicas do reisado de congo em Barbalha - CE (1970-1980). (Mestrado em História e Cultura Histórica). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

SOBREIRA, Pe. Azarias. José de Sá Barreto Sampaio – Sertanejo de escol. Prológo. **Revista do Instituto do Ceará**, 1949.

SOUZA, Océlio Teixeira de. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE):** entre o controle e autonomia (1928-1988). Dissertação

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 2, Abril-Junho. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n2p265

(Mestrado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.

TORRES, Alberto Callou. **José Pereira Pinto Callou**: Zé Major – meu avô. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2007.